



# Lazer e camadas populares: reflexões a partir da obra de Edward Palmer Thompson

Victor Andrade de Melo<sup>1</sup>

Universidade Federal do Rio de Janeiro

"Nenhuma categoria histórica foi mais incompreendida, atormentada, transfixada e des-historicizada do que a categoria de classe social; uma formação histórica autodefinidora, que homens e mulheres elaboram a partir de sua própria experiência de luta, foi reduzida a uma categoria estática, ou a um efeito de uma estrutura ulterior, dos quais os homens não são os autores mas os vetores".<sup>2</sup>

## RESUMO

Este artigo tem por objetivo recuperar algumas importantes contribuições do pensamento de Edward Palmer Thompson que possam servir como inspiração teórica para estudos dedicados a desvendar as peculiaridades das vivências de lazer das camadas populares. Para tal, procedeu-se uma análise de algumas das principais obras do referido autor, com destaque para um de seus livros mais importantes: "A formação da classe operária". Espera-se que este artigo possa colaborar para tornar mais efetivos nossos esforços de desvendar das múltiplas dimensões do lazer em uma sociedade estratificada, também contribuindo para reelaborações no âmbito da Teoria do Lazer. **Unitermos:** Lazer; classe social; E.P.Thompson

## ABSTRACT

*This article has for purpose to discuss some contribution of Edward Palmer Thompson thought as theoretical inspiration to studies dedicated to research the peculiarities of working classes leisure activities. To reach the goal, it was analyzed the principal Thompson books, mainly his masterpiece-. "The making of working class". I would like that this article can contribute to others researchers that are interested in different point*

*of view of leisure in a stratified society, as well to collaborate to new comprehensions in Leisure Theory.*

*Keywords: Leisure; social class; E.P.Thompson*

## INTRODUÇÃO

Numa perspectiva histórica, não é tarefa das mais fáceis reconstruir as vivências de lazer das camadas populares. As dificuldades vão desde a exiguidade de fontes disponíveis até a compreensão do conceito de "camadas populares", na medida que existem diferenças e especificidades locais de formação histórica. Por exemplo, no caso brasileiro, deve-se levar em conta que a formação da classe operária possui peculiaridades se comparada à inglesa, o que nos impõe cuidados na formulação e compreensão de tal categoria; se é que até mesmo podemos falar, nesse caso, em uma categoria propriamente dita.

Assim, mais do que problemas, em certo sentido, operacionais, deve-se também estar atento para o elencar de um referencial teórico que possa dar conta de uma compreensão mais elaborada da complexidade da tensão que se estabelece entre as classes/camadas sociais no âmbito do lazer (entendido como fenômeno/campo diretamente relacionado com o âmbito da cultura<sup>3</sup>), onde deve-se tomar cuidado com as abordagens mecânicas e lineares.

Este artigo tem por objetivo recuperar algumas importantes contribuições do pensamento de Edward Palmer Thompson, que possam servir como inspiração teórica para estudos dedicados a desvendar as peculiaridades das vivências de lazer das camadas populares. Para tal, procedeu-se uma análise de algumas das principais obras do referido autor, com destaque para um de seus livros mais



importantes: "A formação da classe operária"<sup>4</sup>.

Espera-se que este artigo possa contribuir não só com os estudos de natureza histórica, como também com aqueles ligados a compreensões atuais sobre o assunto. Mais ainda, creio que seja possível que algumas das reflexões apresentadas podem ser úteis para esforços de compreensões sobre outras minorias, além da questão de classe. Enfim, pretende-se que este estudo possa colaborar para tornar mais efetivos nossos esforços de desvendar das múltiplas dimensões do lazer em uma sociedade estratificada como a nossa, também contribuindo para reelaborações no âmbito da Teoria do Lazer.

### QUEM FOI EDWARD PALMER THOMPSON?

Para Harvey J. Kaye, E.P. Thompson foi um dos maiores

*A classe não pode ser isoladamente definida pelo local que o sujeito ocupa nas relações de produção, mas deve ser também compreendida a partir do acesso que o indivíduo teve a determinados valores: a sua experiência.*

historiadores de nosso tempo e "A formação da classe operária", um dos livros mais importantes de história social, é um manifesto poético para a reconstrução da história da classe trabalhadora e dos oprimidos<sup>5</sup>.

Thompson esteve entre os primeiros a abrir dentro/a partir do marxismo caminhos para a percepção da cultura como dimensão fundamental de luta e tensão<sup>6</sup>. Longe de negar a importância dos fatores materiais, o autor entretanto não acredita em uma relação hierárquica entre uma infra-estrutura (econômica) que determinaria linearmente uma superestrutura (cultural).

Criticando o determinismo, o reducionismo economicista e o racionalismo excessivos de algumas interpretações marxistas, Thompson pretendeu resgatar uma tradição do marxismo onde o sonho, a fantasia e o desejo, até mesmo a partir de uma compreensão estética, pudessem ser ressaltados e

resgatados. Crítico de maniqueísmos e de uma compreensão coreografada na qual o bem iria para a esquerda e o mal para a direita, para Thompson razão e desrazão são limítrofes. Parece sugerir algo mais sutil: um racionalismo mais sensível.

Fonte de inspiração para muitos historiadores, Thompson esteve entre os primeiros a se preocupar com uma história que atendesse aos anseios das massas que não têm voz, os considerando também como protagonistas da história.

O conceito de classe social de Thompson está entre suas principais contribuições teóricas. Ao questionar algumas concepções que compreendem os homens como produtos completamente concebidos pelas forças materiais, Thompson procura recuperar em Marx a tese de que o povo se educa em sua própria praxis, como sujeito da história. Assim, a classe não pode ser isoladamente definida pelo local que o sujeito ocupa nas relações de produção, mas deve ser também compreendida a partir do acesso que o indivíduo teve a determinados valores: a sua experiência. Para o autor, no termo *luta de classes*, devemos considerar que a *luta* surgiu antes da *classe*; foi a *luta* (a experiência) que construiu a *classe*.

Para Thompson, a categoria experiência revela-se como central. É somente através da experiência que o indivíduo desenvolve e incorpora valores. E tais valores não podem ser compreendidos apenas como uma imposição, mas como criação, subjetivação, resignificação. Nos costumes, no cotidiano, encontrariam-se férteis exemplos de resistência e luta; não somente nos fóruns institucionais.

Isso não significa dizer que todas as ações do cotidiano sejam em si de luta/resistência, nem tampouco afirmar que as diferentes camadas sejam homogêneas. Muito pelo contrário, o autor chama a atenção para que verifiquemos e compreendamos incoerências e limites no interior das camadas a serem estudadas.

Na verdade, o autor postula uma compreensão dialética da relação entre o ser social (a posição que ocupa nas relações de produção/forças condicionantes da trama) e a consciência social (compreensão



cultural/o sujeito exercendo sua própria vontade). Assim, para o autor, consciência de classe é "...a maneira pela qual essas experiências (de relações produtivas) são manipuladas em termos culturais, incorporadas em tradições, sistema de valores, ideias..."<sup>1</sup>.

Thompson, então, define classe como um:

"Fenômeno histórico, que unifica uma série de acontecimentos díspares e aparentemente desconectados, tanto na matéria-prima da experiência como na consciência. Não vejo a classe como uma 'estrutura', nem mesmo como uma categoria"<sup>8</sup>.

Inspirado nas considerações de Thompson, e considerando as peculiaridades brasileiras, tenho utilizado em minhas reflexões o termo "camadas populares", para evitar comparações com o que se compreende como consciência da classe operária, entendida no sentido clássico do marasmo. Assim, considero que o conceito de "camadas populares" engloba gente de baixa condição social, empregada ou não, que articula uma identidade a partir de experiências aparentemente díspares (mas comuns), nem sempre nos moldes clássicos da política (partido, sindicatos etc), a partir das relações com as camadas dominantes e da necessidade de resistir às suas imposições, por meio de uma formação cultural própria; subalterna, mas de forma alguma inferior.

### **É POSSÍVEL PENSAR O LAZER A PARTIR DO PENSAMENTO DE THOMPSON?**

Inspirado em Thompson, o historiador José Carlos Barreiro critica como na historiografia brasileira a tese da *passividade da cultura popular* imperou, normalmente a partir da consideração de que as condições materiais "atrasadas" tenham conduzido à formação de idéias "fracas" e "deformadas". Assim, Barreiro sugere a compreensão de Thompson possa ser de grande valor para repensarmos a questão:

"É possível que uma abordagem de tal natureza estimule pelo menos a reflexão sobre o que foi a prática política das 'camadas populares' brasileiras a partir do resultado da complexa combinação entre suas formas menos estruturadas de pensamento (mitos, idéias simples, tradição) com as chamadas

'ideologias derivadas' ou sistemas 'mais estruturados' de idéias (direitos do homem, laissez-faire) etc."<sup>9</sup>.

Observe-se como o pensamento de Barreiro, inspirado em Thompson, abre perspectivas para se pensar os momentos de lazer: compreender como as camadas populares articulam cultura oral e escrita para construir uma prática política cotidiana, que pode incorporar ou não os padrões culturais que as camadas dominantes apresentam. O próprio Thompson nos chama a atenção para as tensões no âmbito da cultura:

"...uma cultura é também um conjunto de diferentes recursos, em que há sempre uma troca entre o escrito e o oral, o dominante e o subordinado, a aldeia e a metrópole; é uma arena de elementos conflitivos (...). E na verdade o próprio termo 'cultura', com sua invocação confortável de um consenso, pode distrair nossa atenção das contradições sociais e culturais, das fraturas e oposições existentes dentro do conjunto"<sup>10</sup>

Uma vez mais as palavras do autor nos faz perceber a abertura de uma boa perspectiva de abordagem:

*A vida festiva tem então seu valor reconhecido pelo autor, não só como válvula de escape, mas como manutenção da pressão, da coesão, também como subversão.*

"Precisaríamos de mais estudos sobre as atitudes sociais dos criminosos, soldados e marinheiros e sobre a vida de taberna; e deveríamos olhar as evidências, não com os olhos moralizadores (nem sempre os 'pobres de Cristo' eram agradáveis) mas com olhos para os valores Brechtianos - o fatalismo, a ironia em face das homilias, do establishment, a tenacidade da autopreservação. E devemos também lembrar o submundo do cantor de baladas e das feiras, que transmitiu tradições (...) pois desta forma os 'sem linguagem articulada' conservam certos valores - espontaneidade, capacidade para diversão e lealdade mútua"<sup>11</sup>.

A vida festiva tem então seu valor reconhecido pelo autor, não só como válvula de escape, mas como manutenção da pressão, da coesão, também como subversão. Nesse sentido, podemos considerar os momentos de diversão como fruto de luta social, não



somente pelo já apontado acima, como também por carregar, em consonância, elementos de manutenção da ordem e de subversão do trabalho e da lógica de produção. Mais ainda, como importante campo de vivência cultural, seria local privilegiado para compreender como o erudito e o popular se cruzam: a *circularidade* da cultura.

Barreiro apresenta ainda outro argumento importante:

"A análise desses espaços sociais pode ensejar o acesso a fragmentos importantes da vida cotidiana do homem comum (...). Significa dar um passo decisivo no trabalho de reconstituição da memória cultural das camadas populares do século XIX brasileiro"<sup>12</sup>.

Enfim, creio que a obra, as propostas e o pensamento de Thompson<sup>13</sup> sejam bastante interessantes

*As diversões eram encaradas como potencialmente perigosas por serem perturbadoras da ordem social e o crescimento da repressão a tais atividades coincide com o aumento da tensão entre trabalhadores e patrões/Estado.*

para ampliar nossas compreensões sobre o lazer e as camadas populares. Resumidamente<sup>14</sup>:

"Thompson propõe uma outra maneira de buscar e investigar as 'experiências' dos trabalhadores, não apenas em suas relações econômicas, mas nos seus modos de vestir e de morar, de comemorar, de festejar, de cantar, de transmitir suas tradições orais, de viver com elas ou de resistir às transformações também como vivência cotidiana, em seu dia-a-dia, e esta é uma nova maneira de ver a luta de classes em seu processo histórico"<sup>15</sup>.

#### **APONTAMENTOS PARA PENSAR O LAZER DAS CAMADAS POPULARES EM "A FORMAÇÃO DA CLASSE OPERÁRIA"**

Em seu livro mais importante, ao discutir o processo de auto-formação da classe operária, Thompson apresenta uma série de indicadores para que possamos pensar o lazer como campo de tensão no âmbito da cultura.

Segundo o autor, na Inglaterra do fim do século XVIII,

a experiência da Revolução Francesa induziu a uma grande preocupação das camadas dominantes com a organização das camadas populares, reflexo possível daquele acontecimento. Naquele momento também já estavam sendo gestadas formas divergentes de pensamento tipicamente inglesas.

Ao despertar da consciência das camadas populares, onde se destaca a organização da classe trabalhadora, sucedeu-se uma série de propostas e ações de controle, que iam desde a melhoria da eficiência da ação policial, passavam pela criação de organizações humanitárias (destinadas a amenizar as diferenças), e fundamentalmente se localizavam no aumento do rigor de normas sociais. Tratava-se de manipular e reformular códigos culturais, à busca de estabelecer um controle considerado adequado.

Além das preocupações com a "rebelião" que grassava na sociedade, havia a necessidade de impor uma rígida disciplina de trabalho fabril, um processo bastante difícil e tenso. Não foi fácil adequar as camadas populares ao novo modelo de trabalho e poucos não foram os conflitos<sup>16</sup>.

Havia, enfim, a necessidade de implementar uma nova disciplina, um novo controle do tempo, adequados ao novo modelo de produção:

"Nas regiões industriais, podia-se observá-la na expansão da disciplina fabril, condicionada pela campanha e pelo relógio, do trabalho às horas de lazer, dos dias úteis ao Sablath, e também nas tentativas de repressão do 'domingo do sapateiro', das feiras e dos feriados tradicionais"<sup>17</sup>.

Nesse processo, as autoridades cada vez mais passam a se preocupar com: "...as tabernas, feiras e quaisquer grandes concentrações de gente -fonte de ociosidade, rixas, sedição ou contágio"<sup>18</sup>. As diversões eram encaradas como potencialmente perigosas por serem perturbadoras da ordem social e o crescimento da repressão a tais atividades coincide com o aumento da tensão entre trabalhadores e patrões/Estado.

Por que eram as diversões populares consideradas tão "perniciosas"? Primeiro porque se opunham à



lógica do trabalho extenuado proposto pela burguesia, lembrando muito os antigos estilos de vida da população. Como afirma Thompson: *"O processo de industrialização precisa impor o sofrimento e a destruição de modos de vida estimados e mais antigo, em qualquer contexto social concebível"*<sup>19</sup>.

Além disso, os divertimentos se tornavam perigosos na medida que permitiam a congregação de pessoas que sofriam com as mesmas contradições sociais e os mesmos problemas. Se é o mundo do trabalho, da forma que estava sendo concebido pela nova organização fabril, que acirra as diferenças e incomoda : trabalhador, é no mundo do não-trabalho que esse sente ainda mais profundamente as consequências desse processo, que pensa sobre sua situação e que se organiza para tentar revertê-la.

Não por acaso, então, as autoridades se empenharam em controlar e proibir as feiras e tabernas. Nelas os reformadores se reuniam para articular suas ações, tornando-as verdadeiros focos de preparação da resistência política; além de em si serem uma forma de resistência por estarem ligadas ao antigo estilo de vida das camadas populares, à manutenção de velhas tradições. Vejamos como Thompson ressalta a importância das tabernas:

"Além disso, sabemos que as seções nem sempre se encontravam aos domingos em casas particulares: muitas seções, nos bairros mais pobres, eram expulsas de taberna para taberna. E o relato de W.H.Reid sobre as reuniões do clube no final dos anos 1790 - com 'canções onde o clero era tema constante de insultos, cachimbos e tabaco, as mesas forradas com publicações de 1,2,3 penies' - parece tão plausível"<sup>20</sup>.

A burguesia sentia, logo, a necessidade de controlar o tempo do não-trabalho, ainda que inicialmente esse fosse um tempo bastante restrito pela enorme jornada de trabalho e pelas péssimas condições de vida. Aliás, não se pode negligenciar que a industrialização não só aumentou a miséria, como reduziu o tempo e o espaço de diversão. Crítica Thompson:

"... todas aquelas novas estradas, atrás das

propriedades do Sr. Extorsão, do Sr. Roubo e do Sr. Unha-de-fome (...) eram antes campos abertos, onde as crianças costumavam brincar aos oito, nove, dez, onze e doze anos de idade, e passavam o tempo montando armadilhas, jogando críquete, bola, bolas de gude (...) e agacha-agacha"<sup>21</sup>.

Thompson afirma que havia uma compreensão da burguesia de que a pobreza era fundamental para manter o trabalhador muito ativo. O raciocínio era: se o trabalhador tiver muito dinheiro, ele trabalha menos e preenche o tempo livre com futilidades.

Nesse sentido, o autor rechaça até mesmo os que consideram que o declínio das práticas lúdicas tradicionais se deu devido a crescente urbanização, que teria estabelecido uma substituição dos antigos valores rurais. Para ele, isso é contestável até mesmo pelo fato de que a princípio as cidades eram extremamente "rurais" na sua formação cultural. O que estava por trás do declínio das práticas lúdicas tradicionais era efetivamente a estratégia de controle entabulada pelas camadas dominantes.

Enfim, o controle do tempo de não-trabalho passou a ser compreendido como uma dimensão fundamental para garantir o "progresso":

"Nos anos 1790, ocorreu algo como uma 'Revolução Inglesa', de profunda importância para moldar a consciência do operariado (...). É verdade que o impulso revolucionário foi reprimido nos seus primórdios (...). O pânico contra-revolucionário das classes dirigentes se expressava em todas as facetas da vida social: nas atitudes frente ao sindicalismo, à educação do povo em suas maneiras e diversões, às suas publicações e sociedades, e aos seus direitos políticos"<sup>22</sup>.

Para tal, as autoridades, mais do que ampliar o controle jurídico, estabeleceram uma aliança tácita e contaram com a ajuda da religião. O metodismo ampliou significativamente sua influência no operariado, imprimindo uma lógica de vida aproximada a do novo trabalho fabril, onde se destacava a utilização do pecado com arma central de controle. Tratava-se de disciplinar o trabalhador levando a coerção para o interior de cada indivíduo, afinal, propugnava-se, a



felicidade só pode ser encontrada no trabalho e em Cristo:

"Visto que o mundo é a ante-sala da eternidade, assuntos profanos tais como a riqueza e a pobreza têm pouca importância: o rico poderia demonstrar que havia recebido a graça, servindo à igreja (sobretudo construindo capelas para seus próprios empregados). Os pobres podiam considerar-se afortunados por serem menos tentados pelo desejo da carne e dos olhos e pelo orgulho da vida"<sup>23</sup>.

Dessa forma, os metodistas muito se empenharam para controlar o tempo do não-trabalho, combater e destruir os divertimentos populares, afinal se o trabalho era considerado uma virtude e obrigação suprema, devia-se, se não eliminar o tempo de ócio, substituí-lo pela prece e oração. Não surpreende então que um marinheiro, c o m e ç a n d o a frequentar a

*Perceba-se como também é destacável o oferecimento de divertimentos que, aparentemente similares, na verdade eram uma desapropriação das antigas atividades das camadas populares.*

religião, pedisse perdão por ter, na juventude, participado de:

"...corridas de cavalos, vigílias, bailes, feiras, (...) casas de jogos, e mais, tanto ele esquecera o temor a seu criador e os conselhos de sua mãe que várias vezes se intoxicou com cerveja.

Gostava de cantar canções profanas, contar piadas e fazer comentários jocosos e burlescos"<sup>24</sup>.

Uma das estratégias mais eficazes de controle do tempo de não-trabalho era a implementação de escolas religiosas dominicais:

"Na Escola de Wesley, em Kingwood, somente eram permitidas 'recreações' produtivas, como partir lenha, cavar e coisas semelhantes, posto que os jogos e brincadeiras eram 'indignos de uma criança cristã'<sup>25</sup>.

Perceba-se como também é destacável o oferecimento de divertimentos que, aparentemente similares, na verdade eram uma desapropriação das antigas atividades das camadas populares. Retirava-se tais práticas de seu sentido original e essas eram "re-

oferecidas" as camadas populares com uma lógica completamente diferenciada. Nesse movimento podemos situar as ações contra os esportes sangüinários (touradas, brigas de galo etc); o surgimento e valorização do esporte, compreendido em seu sentido moderno; a criação do movimento escoteiro, entre outros.<sup>26</sup>

Reflexos desse tipo de intervenção direta da religião nos momentos de lazer podem ser sentidos claramente ainda nos dias de hoje. Por exemplo, é frequente observar a Igreja Católica criticando a continuidade do carnaval para além da quarta-feira de cinzas ou apresentar restrições ao aproveitamento dos domingos para os divertimentos. Vejamos como é esclarecedora uma fala recente de Dom Eugênio Salles, cardeal do Rio de Janeiro:

"Na sociedade moderna ocupa cada vez mais espaço o aproveitamento do tempo livre. As férias movimentam multidões em busca de lazer. Ele cresce em importância (...). Entretanto, surgem ocupações com prejuízo da vida religiosa. Como tudo em um ambiente onde Deus, os valores espirituais são relegados a um segundo plano, ou simplesmente desprezados, o descanso dominical cede seu lugar ao lucro, ao dinheiro, às recreações profanas"<sup>27</sup>.

O cardeal apresenta a religião como uma grande restrição às vivências de lazer, como se Deus e os valores espirituais guardassem oposição a tais atividades. A compreensão da restrição fica ainda mais clara quando afirma: "*Nós obedecemos assim a Deus através da Igreja; essa obrigação não depende do nosso gosto, não somos livres de ir ou não ir. É uma imposição do Senhor e não uma opção nossa*"<sup>28</sup>.

De outro lado, alguns setores da Igreja também parecem aprender os mecanismos de manipulação das atividades lúdicas, de forma a arrebatar maior número de fiéis. Tal fenômeno, que teve início em religiões de origem protestante, recentemente também foi incorporado pela Igreja Católica, com seus muitos padres recordistas de vendas de CD's e lançadores de modas e coreografias.

Quero chamar a atenção, todavia, para que, no caso



brasileiro, consideremos com maior cuidado a influência da religiosidade. Devemos lembrar que já no século XIX paulatinamente pode ser observável um declínio da influência religiosa na sociedade. Vale lembrar que mesmo o carnaval do Rio de Janeiro, por exemplo, é em grande parte originário das antigas festas religiosas de largo<sup>29</sup>.

Além disso, devido às próprias características da sociedade brasileira, onde destacam-se as dimensões do ecletismo e do sincretismo, e à existência de múltiplas formas de compreender a religiosidade (inclusive com a presença constante de religiões não cristãs, como as de origem indígena e afro-brasileira), tal influência tem um caráter em certo sentido diferenciado<sup>30</sup>.

De qualquer forma, retornando ao pensamento de Thompson, não se pode negar a influência do pensamento religioso:

"As pressões em favor da disciplina e da ordem partiam das fábricas, por um lado, e das escolas dominicais, por outro, estendendo-se a todos os demais aspectos da vida: o lazer, as relações pessoais, a conversação e a conduta (...). As diversões dos pobres foram alvo de uma forte oposição religiosa e legal, e até mesmo as mais inócuas foram consideradas impróprias"<sup>31</sup>.

Por certo, nesse processo de controle do tempo do não-trabalho, uma grande parte dos trabalhadores, principalmente aqueles cooptados por cargos de chefia (simulacros da autoridade real da burguesia), internalizaram algo das diretrizes pós-Revolução Industrial e se afastaram das atividades populares de divertimento. Entretanto, deve-se ressaltar que, mesmo com enormes restrições, as camadas populares mantinham muito de seu antigo estilo de vida exatamente nas suas atividades de diversão. Seu momento de lazer era, não obviamente em um sentido clássico da política, uma forma de resistência, a qual a burguesia estabelecia estratégias de contra-resistência. Segundo o autor:

"Tratava-se de uma resistência consciente ao desaparecimento de um antigo modo de vida, frequentemente associada ao radicalismo político. Nesta mudança, a perda

do tempo livre e a repressão ao desejo de se divertir tiveram tanta importância quanto a simples perda física dos direitos comunais e dos locais para recreio"<sup>32</sup>.

Com isso não se deve acreditar que todas as práticas de lazer tinham um sentido explícito de resistência. As atividades eram alternativas de diversão e não devemos ver de maneira ingênua o envolvimento das camadas populares. Ainda assim, mesmo as formas menos explícitas de resistência poderiam carregar em seu interior algum grau de contraposição, na medida que se oporiam ao trabalho extenuante.

O que Thompson nos chama a atenção é para que possamos perceber melhor como no cotidiano se estabelecem importantes formas de resistência, muitas vezes manifestas como desordem, deficiência, indisciplina. Para ele, isto está diretamente ligado ao próprio processo de auto-fazer-se das camadas populares, uma das

discussões centrais do pensamento do autor: *"Ofazer-se da classe operária é um fato tanto da história política e cultural quanto da econômica (...) a classe operária formou a si própria tanto quanto foi formada"*<sup>33</sup>.

*Mesmo nos dias de hoje, a intensa ação da indústria cultural não é forte o suficiente para destruir definitivamente as diferentes formas de diversão popular, tanto através da eliminação/restricção direta quanto através da distorção de seus sentidos originais.*

Logo, esses momentos de resistência no âmbito da cultura são considerados por Thompson como de grande importância:

"E devemos também lembrar o 'submundo' do cantor de baladas e das feiras que transmitiu para o século XIX (...) pois dessa forma os 'sem linguagem articulada' conservaram certos valores - espontaneidade, capacidade para a diversão e lealdade mútua - apesar das pressões inibidoras de magistrados, usineiros e metodistas"<sup>34</sup>.

Assim, o autor apresenta o que considero uma fértil possibilidade de pensar os momentos de lazer, a partir



das lutas simbólicas que se estabelecem, sempre a partir da tensão entre resistência e contra-resistência. Mesmo nos dias de hoje, a intensa ação da indústria cultural não é forte o suficiente para destruir definitivamente as diferentes formas de diversão popular, tanto através da eliminação/restricção direta quanto através da distorção de seus sentidos originais. Thompson recupera, na verdade, a compreensão de que houve (e há) um processo de "circularidade cultural". Existe um processo constante e tenso de mútua (e múltipla) influência entre dominados e dominadores.

Nesse processo de "circularidade", vale a pena refletir sobre o próprio papel dos intelectuais. Thompson mostra que muitos intelectuais, em um primeiro momento pós-Revolução Industrial, sob o pretexto de acreditarem na "boa vontade" reformista, aderiram a algumas iniciativas da burguesia, abandonando tal envolvimento quando perceberam os limites da reforma proposta<sup>35</sup>.

Passaram então a se envolver com as iniciativas das camadas populares, à busca de libertação; o que não significa que tais iniciativas já não existissem antes de tal adesão. Ora, se as camadas populares, destacadamente a classe operária, vivenciaram um processo ativo de auto-fazer-se, não se pode compreender suas ações somente a partir da influência de membros de outra camada social.

Por certo, os intelectuais reformadores tiveram importância e influência. Vejamos uma reflexão de John Thewall, um dos principais teóricos reformadores<sup>36</sup>, ao criticar a distribuição de rendas, o monopólio de terras e a acumulação de capital:

"Afirmo que cada homem e cada mulher, e cada criança deve obter algo mais na distribuição geral dos frutos do trabalho, além de alimento, farrapos e uma miserável rede com uma manta pobre a cobri-la; e isso, sem ter de trabalhar doze ou quatorze horas por dia, dos seis aos sessenta anos. Eles têm uma reivindicação, sagrada e inviolável reivindicação (...) por pouco de comodidade e divertimento (...), por algum tempo livre razoável para essas discussões, e por alguns meios ou informações que possam levá-los à compreensão dos seus direitos"<sup>37</sup>.

Mas é importante perceber também que mesmo os reformadores, em certo sentido, também procuraram moralizar o aproveitamento do tempo disponível, ainda que tivessem objetivos diferenciados dos da burguesia/igreja/Estado:

"Os efeitos morais da Sociedade eram realmente muito grandes. Induzia os homens a lerem livros, ao invés de gastarem seu tempo nas tabernas. Ensinava-os a pensar, a se respeitarem e a desejar educar seus filhos. Elevava-os em suas próprias opiniões"<sup>38</sup>.

Ora, se tal atitude de alguma forma ampliava as possibilidades de lazer dos envolvidos, por ampliar o capital cultural, também acabava impondo uma lógica próxima ao trabalho no próprio momento de lazer, além de desconsiderar as tradições existentes. Quem disse que os livros são sempre mais importantes do que as tabernas no desenvolver da consciência? Obviamente não se trata de colocar em oposição tabernas e livros, mas exatamente ao contrário: afirmar que tanto livros quanto tabernas têm potenciais educativos, mesmo que diferenciados, e não podem ser negados.

Nesse sentido, penso que devemos tomar muito cuidado com nossas intervenções enquanto profissionais de lazer. No âmbito das camadas populares existem resistências no cotidiano e caberia ao profissional, evitando sentimentos de vanguardismos exacerbados, partir dessas resistências em sua proposta de animação cultural, que deve ser encarada como uma intervenção de intermediação e negociação, nunca de desconsideração das peculiaridades do local.

Outro ponto ao qual é necessário chamar a atenção é o que chamarei de "paradoxo da cultura". Ao mesmo tempo em que a cultura é utilizada/identificada como forma de resistência, ela também é manipulada à busca de estabelecer e ratificar a dominação. Ao mesmo tempo que a música servia para chacotar de elementos da burguesia e da igreja, *"Em Lincolnshire, cantores de baladas eram pagos, e postados no final das ruas para cantar a ruína dos jacobinos..."*<sup>39</sup> sendo também utilizada no interior das igrejas para propagar as mensagens religiosas que interessavam



à sacralização do controle social. A tensão é constante.

Além disso, a compreensão da existência de resistências no âmbito da cultura não deve significar negligenciar as formas clássicas de organização política. O autor ressalta, por exemplo, que além das iniciativas menos formais de manutenção dos estilos de vida tradicionais, existiram claras iniciativas de reivindicação de redução da jornada de trabalho, até mesmo sob o argumento de aliviar a situação das crianças e mulheres, o que de alguma forma também reduziria o desemprego e geraria mais postos de trabalho.

O que Thompson, na verdade, tenta compreender, e essa me parece uma consideração fundamental, é a articulação entre política, cultura e economia no processo de auto-forjar-se da classe operária. Assim, ele não está a substituir o que considera uma valorização excessiva da consideração dos valores materiais, por outra valorização excessiva dos valores simbólicos. Ele simplesmente convoca-nos a perceber como tais dimensões estão sempre, dialeticamente, articuladas.

Enfim, o novo sistema fabril criou um novo modo de vida e isso influenciou diretamente nas possibilidades de vivências lúdicas das camadas populares. Tais camadas resistiram das mais diversas formas, o que não significa que as compreensões que vinham da burguesia aos poucos não eram implementadas, pela força das articulações que procuravam perpassar seus valores e pela força do processo de controle. Mas tal processo não foi de via única e deve ser compreendida na constante tensão entre resistência e contra-resistência.

### À GUIA DE CONCLUSÃO

Inspirado pelas colocações de E.P. Thompson, creio ser possível levantar alguns apontamentos para pensar a questão do lazer nas camadas populares. Isso parece ser interessante na medida que ainda parece persistir uma carência de estudos dessa natureza. Mesmo na realidade internacional, tais preocupações parecem ser recentes<sup>40</sup>. No que se refere a perspectiva histórica, afirmam Robert Hollands e Hart Cantelon:

"Estudos históricos sobre o lazer da classe trabalhadora

têm sido escassos. Isto não significa dizer que não seja possível encontrar abordagens sobre a cultura da classe trabalhadora que levem em conta o lazer, mas sim ressaltar dois pontos-chaves. Primeiro, a maioria dos estudos sobre a cultura da classe trabalhadora enfatizam a experiência cultural masculina e as preocupações com as mulheres são relativamente recentes. Segundo, o lazer e sua relação com os elementos básicos da cultura da classe trabalhadora em vários períodos da história somente recentemente começaram a ser adequadamente teorizados"<sup>41</sup>.

Creio que um primeiro desafio está em exatamente aceitar o desafio de estudar o lazer nas camadas populares, tanto do ponto de vista histórico, quanto contemporâneo. O assunto não pode ficar mais esquecido e oculto entre tantos outros, obviamente também importantes, no âmbito do lazer.

Mas para tal, deveríamos tomar alguns cuidados básicos, sem os quais corremos um risco de uma abordagem que não nos permita compreender adequadamente a complexidade da problemática. Para compreender o lazer nas camadas populares, teríamos

que reconceitualizar as próprias categorias cultura, trabalho e lazer. E para tal, deveríamos considerar a importância central da experiência cultural e da vivência local como mediadoras e retro-alimentadoras; em si mesmo uma forma de dominação e resistência.

Isto é, a atividade de lazer é uma experiência cultural que não é somente determinada mecanicamente pela base econômica, nem tampouco é livre e idealizada. É fruto de expressão ativa de relações sociais e das lutas que se estabelecem no cotidiano das camadas populares. Assim, os estudos etnográficos poderiam muito contribuir com tal perspectiva, por nos permitir chegar mais próximo da realidade concreta daquelas camadas.

*Isto é, a atividade de lazer é uma experiência cultural que não é somente determinada mecanicamente pela base econômica, nem tampouco é livre e idealizada. É fruto de expressão ativa de relações sociais e das lutas que se estabelecem no cotidiano das camadas populares.*



Mas ainda, deveríamos nos afastar de qualquer postura que encare o lazer como forma linear de resistência ou dominação. Parece que as duas dimensões convivem constantemente e mais rico seria pensar que no âmbito da cultura resistência e contra-resistência caminham sempre de forma conjunta. Caberia-nos identificar tais movimentos e tal dinâmica.

Obviamente que não podemos negar que progressivamente a indústria cultural capitaliza o mercado de lazer a partir dos interesses das camadas dominantes, de forma cada vez mais eficiente. Ainda assim, devido a própria dinâmica desse espaço de luta, persistem brechas que devem ser identificadas e priorizadas no processo de intervenção.

Por fim, penso que devemos tomar muito cuidado com qualquer proposta "vanguardista" de inserção de intelectuais nas camadas populares. Longe de estarem desorganizadas, as camadas populares tem uma organização própria, que lhes permite inclusive entabular estratégias de resistência, embora muitas vezes estas não estejam vinculadas à política em seu sentido "clássico". Caberia-nos perceber como tais resistências se organizam e partir delas em nosso processo de intervenção. Assim sendo, mais do que organizar, estaríamos também sendo organizados. Mais do que ensinar, estaríamos também aprendendo. Parece-me que a proposta de uma ação dialógica radical se faz mister para os que pretendem trabalhar com esse público-alvo.

#### NOTAS

- <sup>1</sup>. E-mail: victor@marlin.com.br
- <sup>2</sup>. THOMPSON, E.P. *A formação da classe operária inglesa*. 3 volumes. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987a.
- <sup>3</sup>. No que se refere ao conceito de cultura, chamamos a atenção Thompson: "...não podemos esquecer que 'cultura' é um termo emaranhado, que, ao reunir tantas atividades e atributos em um só feixe, pode na verdade confundir ou ocultar distinções que precisam ser feitas. Será necessário desfazer o feixe e examinar com mais cuidado os seus componentes: ritos, modos simbólicos, os atributos culturais da hegemonia, a transmissão do costume sob formas específicas das relações sociais e de trabalho" (THOMPSON, E.P. *Costumes em comum*.

*Estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p.22.).

<sup>4</sup>. THOMPSON, E.P. *A formação da classe operária inglesa*. 3 volumes. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987a.

<sup>5</sup>. In: FENELON, Déa Ribeiro. E.P. Thompson: História e Política. *Revista Projeto História*, São Paulo, n. 12, p.77-93, outubro/1995.

<sup>6</sup>. Afirma Lyhn Hunt (In: HUNT, Lyhn. *A nova História Cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992): "Na história de inspiração marxista, o desvio para cultura já estava presente na obra de Thompson..." (p.6).

<sup>7</sup>. THOMPSON, 1987a., volume 1, p.10.

<sup>8</sup>. *Ibid.*, volume 1, p.9.

<sup>9</sup>. BARREIRO, José Carlos. E.P. Thompson e a historiografia brasileira: revisões críticas e projetos. *Revista Projeto História*, São Paulo, n. 12, p.57-75, outubro/1995.

<sup>10</sup>. THOMPSON, 1998, p. 17.

<sup>11</sup>. THOMPSON, 1987a, volume 1, p.61.

<sup>12</sup>. *Op.cit.*, p.68.

<sup>13</sup>. Para uma compreensão mais aprofundada sobre a obra de Thompson, além das referências já citadas, sugiro: THOMPSON, E.P. *A miséria da Teoria*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981; THOMPSON, E.P. *Senhores e caçadores: a origem da lei negra*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987b; THOMPSON, E.P. O tempo, a disciplina do trabalho e o capitalismo industrial. In: SILVA, Thomaz Tadeu da. *Trabalho, educação e prática social*. Porto Alegre: Artes médicas, 1991. p.44-91; PALMER, Bryan D. *Edward Palmer Thompson: objeções e proposições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996; DESAN, Suzanne. Massas, comunidade e ritual na obra de E.P. Thompson e Natalie Davis. In: HUNT, Lyhn. *A nova História Cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p.63-96. Também a revista *Projeto História*, número 12, editada pelo Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), totalmente dedicada a discutir o autor.

<sup>14</sup>. A obra do autor traz grandes contribuições para se pensar o exercício historiográfico e o papel do historiador, que nesse texto não foram profundamente abordados. Maiores informações podem ser obtidas nos estudos citados e no livro: THOMPSON, E.P. *A miséria da teoria*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

<sup>15</sup>. FENELON, *op.cit.*, p.86.



<sup>16</sup>. O autor observa que a princípio houve até mesmo uma certa aliança entre a burguesia e o proletariado contra o Império e a velha aristocracia, por busca de maior liberdade. Mas com a Revolução Industrial, logo tal aliança se desfez e se instituiu uma profunda separação de classes. Uma abordagem bastante interessante sobre os conflitos e as resistências ao novo modelo pode ser obtida em: THOMPSON, E.P. O tempo, a disciplina do trabalho e o capitalismo industrial. In: SILVA, Thomaz Tadeu da. *Trabalho, educação e prática social*. Porto Alegre; Artes médicas, 1991.

<sup>17</sup>. THOMPSON, 1987a, volume 2, p.294.

<sup>18</sup>. *Ibid.*, volume 1, p.60. <sup>19</sup>. *Id.*, volume 2, p.29. <sup>20</sup>. *Id.*, volume 1, p.171. <sup>21</sup>. *Id.*, volume 2, p.65. <sup>22</sup>. *Id.*, volume 1, p.195. <sup>23</sup>. *Id.*, volume 2, p.243. <sup>24</sup>. *Apud. id.*, volume 1, p.60.

<sup>25</sup>. *Id.*, volume 2, p. 256.

<sup>26</sup>. Cabe lembrar que futuramente, com a conquista de maior tempo livre, fruto das próprias lutas dos trabalhadores, a burguesia dá seguimento a esse processo com o capitanear e forjar de um mercado de lazer, que além de lhe garantir lucros diretos, permite a continuidade de manipulação de códigos culturais de acordo com seu interesse.

<sup>27</sup>. SALLES, Eugênio. Domingo, uma festa primordial. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, primeiro caderno, ano CVIII, n.158, p.7, 13 de setembro de 1998. <sup>28</sup>. *Ibid.*, p. 7.

<sup>29</sup>. Para os que desejarem maiores informações, sugiro o estudo: SOIHET, Rachel. *A subversão pelo riso - estudos sobre o carnaval carioca da Belle Époque ao tempo de Getúlio*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1999. <sup>30</sup>. Procurei desenvolver mais aprofundadamente tal discussão nos seguintes trabalhos: MELO, Victor Andrade de. *"Cidade Sportiva": o turfe e o remo no Rio de Janeiro (1849-1903)*. Rio de Janeiro: UGF,

1999. Tese (Doutorado em Educação Física). <sup>31</sup>. THOMPSON, 1987a, volume 2, p.292/293. <sup>32</sup>. *Ibid.*, volume 2, p.300. <sup>33</sup>. *Id.*, volume 2, p.17. <sup>32</sup>. *Id.*, volume 1, p.62.

<sup>35</sup>. É importante destacar que o autor chama a atenção que a origem do pensamento da classe operária não estava exatamente no marxismo, mas em dissidentes religiosos e liberais libertários.

<sup>36</sup>. Nesse livro, "Os direitos da Natureza", Thelwall procura ampliar as considerações do influente "Direitos do Homem", de Tom Paine. O autor já aponta entre as reivindicações a necessidade de redução da jornada de trabalho para 8 horas. Segundo Thompson (*id.*, volume 1, p.176): "*Thelwall levou o Jacobinismo às margens do socialismo; levou-o também às margens do revolucionarismo*". <sup>37</sup>. *Apud. id.*, volume 1, p.175.

<sup>38</sup>. WALLAS *apud. id.*, volume 1, p.170. <sup>39</sup>.

*Id.*, volume 1, p.145.

<sup>40</sup>. Maiores informações podem ser encontradas nos estudos: CANTELON, Hart, HOLLANDS, Robert (eds.). *Leisure, sport and working class cultures*. Toronto: Canadian Press, 1988; JONES, Gareth Stedman. *Expresion de clase o control social? Critica de las ultimas tendencias de la historia social del "ocio"*. In: \_\_\_\_\_ . *Lenguajes de clase. Estudios sobre la historia de la clase obrera inglesa (1832-1982)*. Madrid: Siglo Veintiuno, 1989, p.72-85; HOLT, Richard (org.). *Sport in the working class in modern Britain*. Manchester: Manchester University Press, 1990; JONES, Stephen G. *Sport, politics and the working class*. Manchester: Manchester University Press, 1992; KRUGER, Amd, RIORDAN, James (orgs.). *The story of worker sport*. Champaign: Human Kinetics, 1996.

<sup>41</sup>. CANTELON, Hart, HOLLANDS, Robert. *Leisure, History and Theory: some preliminary points of Departure for Studies of Working Class Cultures*. In: CANTELON, Hart, HOLLANDS, Robert (eds.). *Leisure, sport and woking class cultures*. Toronto: Canadian Press, 1988. p.11-16.